



Nicholas Sparks
**Uma curva
na estrada**





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Prólogo



Onde de fato começa uma história? Na vida, são raros os inícios bem marcados, aqueles instantes dos quais um dia podemos dizer: “Foi ali que tudo começou.” Mas às vezes o destino cruza nosso caminho e inicia uma sequência de acontecimentos que levam a um desfecho imprevisível.

Falta pouco para as duas da manhã e estou totalmente desperto. Passei quase uma hora me virando de um lado para o outro na cama, até que desisti. Agora estou sentado diante da escrivaninha, caneta na mão, refletindo sobre meu próprio encontro com o destino. Não é algo incomum para mim. Ultimamente, parece que é tudo em que consigo pensar.

A não ser pelo som do relógio na estante, a casa está em total silêncio. Minha esposa está no andar de cima, dormindo, e, enquanto encaro a pauta do bloco amarelo à minha frente, percebo que não sei por onde começar. Não que minha história me deixe inseguro, só não tenho certeza do que me faz escrevê-la. De que adianta desencavar o passado? Afinal, os acontecimentos que estou prestes a relatar ocorreram treze anos atrás – e acho até que posso dizer que na verdade começaram dois longos anos antes disso. Sentado aqui, porém, sei que preciso tentar contar minha história, mesmo que seja só para finalmente colocar um ponto final nela.

Alguns objetos me ajudam a recordar aquele período: um diário que escrevo desde menino, uma pasta com recortes de jornal amarelados, minha própria investigação e, é claro, os documentos oficiais. Há também o fato de eu ter revisto os acontecimentos centenas de vezes na minha mente. Eles estão gravados na minha memória. Mas, se minha história se baseasse apenas nessas coisas, ela seria incompleta. Há mais pessoas envolvidas e, embora eu tenha testemunhado alguns dos acontecimentos, não estive presente em todos eles. Sei que é impossível recriar cada sensação e cada

pensamento da vida de outra pessoa. Aconteça o que acontecer, porém, é isso que vou tentar fazer.



Esta é acima de tudo uma história de amor e, como tantas histórias de amor, a de Miles Ryan e Sarah Andrews começa com uma tragédia. Ao mesmo tempo, é também uma história de perdão. Ao terminar de lê-la, espero que você entenda os desafios que Miles e Sarah tiveram de enfrentar. Espero que compreenda as decisões que eles tomaram, tanto as boas quanto as ruins, assim como espero que um dia entenda as minhas.

Mas deixe-me esclarecer uma coisa: esta não é apenas a história de Sarah Andrews e Miles Ryan. Se pudermos traçar uma linha de partida para ela, certamente teria a ver com Missy Ryan, a esposa de um subxerife de uma pequena cidade do Sul dos Estados Unidos, que fora sua namorada na escola.

Assim como o marido, Miles, Missy Ryan foi criada em New Bern. Todos que a conheceram afirmam que ela era uma moça boa e encantadora, e ela foi o único amor de Miles desde a juventude. Missy tinha cabelos castanho-escuros e olhos mais escuros ainda. Segundo me disseram, seu jeito de falar deixava os homens de pernas bambas. Tinha o riso fácil, escutava com atenção e muitas vezes tocava o braço do interlocutor, como se o convidasse a fazer parte de seu mundo. Além disso, como a maioria das mulheres do Sul, tinha uma força de vontade maior do que se notaria à primeira vista. Quem administrava a casa era ela e, de modo geral, suas amigas eram casadas com amigos de Miles. A vida dos dois girava em torno da família.

Missy tinha sido líder de torcida. No primeiro ano do ensino médio, já era considerada uma das mais bonitas do colégio, o que não a impedia de ser simpática com todos. Embora soubesse quem era Miles Ryan, ele era um ano mais velho e os dois não tinham aulas juntos. Mas isso não teve importância. Foram apresentados por amigos, começaram a almoçar juntos, a conversar depois das partidas de futebol americano, até que por fim tiveram um encontro numa festa. Os dois logo se tornaram inseparáveis. Poucos meses depois, quando Miles a convidou para o baile de formatura, eles já estavam apaixonados.

Há quem duvide que um amor de verdade possa chegar tão cedo. Mas foi o que aconteceu com Miles e Missy e, sob certos aspectos, o amor deles

foi mais forte do que aquele vivido por pessoas mais velhas, porque foi livre dos pesares da vida adulta. Ficaram juntos até Miles terminar o último ano e ir para a Universidade Estadual da Carolina do Norte, em Raleigh, e permaneceram fiéis a distância, enquanto Missy concluía o ensino médio. No ano seguinte, ela foi encontrá-lo na universidade e, três anos depois, quando ele a pediu em casamento durante um jantar, ela chorou, disse sim e passou a hora seguinte ao telefone dando a boa-nova aos parentes enquanto Miles comia. Ele ficou morando em Raleigh até Missy se formar. Quando se casaram, em New Bern, a igreja ficou lotada.

Missy arrumou um emprego no setor de empréstimos do banco Wachovia e Miles começou o treinamento de subxerife. Ela estava no segundo mês de gravidez quando ele se tornou funcionário do condado de Craven e começou a patrulhar as ruas da cidade. Compraram sua primeira casa e, quando Jonah nasceu, em janeiro de 1981, bastou Missy olhar para aquele pacotinho de gente para entender que a maternidade era a melhor coisa da vida. Embora Jonah só houvesse dormido uma noite inteira depois dos seis meses e em alguns momentos a mãe tivesse sentido vontade de gritar com ele do mesmo jeito que ele gritava com ela, Missy amava o filho mais do que imaginara ser possível.

Ela era uma mãe maravilhosa. Deixou o emprego para ficar com Jonah em tempo integral. Lia histórias, brincava com ele, levava-o para brincar com outras crianças. Podia passar horas apenas olhando para Jonah. Quando o menino estava com 5 anos, Missy percebeu que queria outro filho e o casal começou a tentar. Os sete anos que ficaram casados foram os melhores da vida de ambos.

Mas em agosto de 1986, aos 29 anos, Missy Ryan morreu.

Sua morte diminuiu a luz nos olhos de Jonah e assombrou Miles por dois anos. Também preparou o caminho para o que viria depois.

Portanto, como eu já disse antes, esta é a história de Missy, do mesmo jeito que é a história de Miles e de Sarah. E é também a minha história.

Também faço parte do que aconteceu.

1



Na manhã do dia 29 de agosto de 1988, pouco mais de dois anos depois da morte da mulher, Miles Ryan estava em pé na varanda dos fundos de sua casa, fumando e vendo o sol aos poucos pintar de laranja o céu antes cinza. O rio Trent corria à sua frente, com as águas salobras parcialmente ocultas pelos arbustos da margem.

A fumaça do cigarro de Miles subia em espirais, e ele podia sentir o ar mais denso por causa da umidade. Pouco depois, os pássaros iniciaram sua cantoria matinal. Um barquinho passou, o pescador acenou e Miles retribuiu o gesto com um leve meneio de cabeça. Foi tudo o que conseguiu fazer.

Precisava de um café. Um cafezinho e estaria pronto para encarar o dia: arrumar Jonah para a escola, garantir que a lei fosse cumprida, entregar ordens de despejo e lidar com qualquer imprevisto – como, por exemplo, conversar com a professora de Jonah no final da tarde. E isso era só o começo. À noite ficava ainda mais atarefado, se é que isso era possível. O simples fato de manter a casa exigia um esforço enorme: pagar contas, fazer compras, limpar, fazer reparos. Miles sentia que precisava aproveitar os raros momentos livres imediatamente, senão perderia a oportunidade. Rápido, arrume alguma coisa para ler. Ande logo, você só tem poucos minutos para relaxar. Feche os olhos, daqui a pouco não vai mais dar tempo. Isso deixaria qualquer um exausto, mas o que ele podia fazer?

Precisava mesmo do café, a nicotina não estava mais surtindo efeito. Cogitou jogar os cigarros fora, mas, pensando bem, não fazia diferença. Não se via como um fumante de verdade. Fumava alguns cigarros por dia, sim, mas isso não era realmente tabagismo. Não consumia um maço inteiro por dia nem era fumante desde sempre; começara depois da morte de Missy.

Podia parar quando quisesse, mas para quê? Seus pulmões estavam ótimos – na semana anterior mesmo, tivera de correr atrás de um ladrão e não fora difícil pegá-lo. Um *fumante* não teria conseguido fazer isso.

Pensando melhor, não tinha sido tão fácil quanto era quando ele tinha 22 anos. Mas isso já fazia uma década. Mesmo que ainda não estivesse na hora de começar a pesquisar casas de repouso, ele estava envelhecendo. Dava para sentir: antigamente, na universidade, ele e os amigos começavam as noitadas às onze e só voltavam para casa no dia seguinte de manhã. Nos últimos anos, com exceção das noites em que estava de plantão, onze horas era *tarde*; mesmo tendo dificuldade para dormir, ele ia para a cama. Não conseguia pensar em nenhum motivo bom o suficiente para fazê-lo querer ficar acordado àquela hora. Estar exausto já era algo que fazia parte de sua rotina. Mesmo nas noites em que Jonah não tinha pesadelos – isso acontecia de vez em quando desde a morte de Missy –, acordava se sentindo... cansado. Sem foco. Com os movimentos lentos de quem se move debaixo d'água. Na maior parte do tempo, atribuía esse fato à vida corrida que levava, mas às vezes se perguntava se não haveria algo de errado com ele. Tinha lido certa vez que um dos sintomas da depressão profunda era “uma letargia sem causa direta aparente”. No seu caso, é claro que havia uma causa...

Miles precisava mesmo era de um pouco de tranquilidade. Passar alguns dias em um chalezinho perto da praia em Key West, pescando ou simplesmente descansando, balançando-se suavemente em uma rede e bebendo uma cerveja gelada, sem ter que tomar qualquer decisão mais importante do que calçar sandálias ou caminhar descalço pela praia na companhia de uma mulher.

Isso também era parte do problema: a solidão. Estava cansado de ficar sozinho, de acordar em uma cama vazia, embora essa sensação o surpreendesse. Só começara a se sentir assim recentemente. No primeiro ano depois da morte de Missy, não conseguia sequer se imaginar amando outra mulher um dia. Nunca. Era como se a necessidade de uma companhia feminina nem sequer existisse, como se o desejo, o sexo e o amor não passassem de possibilidades teóricas sem qualquer relação com o mundo real. Mesmo depois de ter deixado sua tristeza se tornar lágrimas noite após noite, sua vida simplesmente lhe parecia *errada* – como se estivesse temporariamente fora dos trilhos e logo fosse voltar aos eixos, de modo que não haveria motivos para se preocupar com nada.

Afinal de contas, a maioria das coisas não havia mudado. As contas continuavam chegando, Jonah tinha que comer, era preciso cortar a grama. Miles ainda tinha um emprego. Certa vez, depois de várias cervejas, Charlie, seu chefe e melhor amigo, lhe perguntara como era perder a mulher e Miles lhe respondera que na verdade não parecia que Missy estava morta. Era mais como se estivesse passando um fim de semana fora com alguma amiga e ele fosse cuidar de Jonah durante sua ausência.

O tempo passou e o entorpecimento com o qual ele havia se acostumado também acabou passando. E a realidade tomou o lugar dele. Por mais que tentasse tocar a vida, Miles não parava de se pegar pensando em Missy. Tudo parecia lembrá-la. Principalmente Jonah, que, conforme crescia, ia ficando cada vez mais parecido com a mãe. Às vezes, quando Jonah já estava na cama, Miles ficava em pé na porta do quarto e podia ver a esposa nos traços de seu rosto. Tinha de se virar antes que o menino notasse suas lágrimas. Mas aquela imagem permanecia por horas em sua mente; ele adorava o jeito como Missy ficava enquanto dormia: os longos cabelos castanhos espalhados pelo travesseiro, um braço dobrado acima da cabeça, lábios ligeiramente entreabertos, o peito a subir e descer suavemente ao ritmo da respiração. E o cheiro dela – o cheiro era algo que Miles nunca poderia esquecer. Sentado no banco da igreja na primeira manhã de Natal depois da morte da esposa, Miles sentira um leve rastro do perfume de Missy. Bem depois de encerrada a celebração, ele ainda se agarrava à dor daquele perfume como um naufrago a uma boia.

Agarrava-se a outras coisas também. No início de seu casamento, Missy e ele costumavam almoçar no Fred & Clara's, um pequeno restaurante situado na mesma rua do banco em que ela trabalhava. Era um lugar reservado, tranquilo, e de certa forma seu aconchego os fazia sentir que nada jamais iria mudar entre os dois. Não tinham ido muito lá desde o nascimento de Jonah, mas Miles começou a frequentar o restaurante de novo depois da morte dela, como se esperasse encontrar algum resquício daqueles sentimentos ainda preso aos lambris das paredes. Em casa, administrava a própria vida do mesmo jeito que a mulher fazia. Como Missy ia ao supermercado na quinta-feira à noite, era quando ele ia também. Como ela plantava tomates junto à lateral da casa, Miles também o fazia. Comprava até os produtos de limpeza que a mulher costumava usar. Em tudo o que fazia, Missy estava sempre presente.

Em algum momento da primavera anterior, porém, isso havia começado a mudar. A mudança chegou sem aviso, mas Miles logo a notou. Enquanto estava indo de carro para o centro, pegou-se observando um jovem casal que caminhava de mãos dadas pela calçada. E então, por um instante apenas, Miles se viu no lugar daquele homem, e imaginou que aquela mulher estivesse com ele. Ou, se não ela, *alguém...* alguém que não só o amasse, mas a Jonah também. Alguém que conseguisse fazê-lo rir, com quem pudesse compartilhar uma garrafa de vinho durante um jantar despreocupado, alguém para abraçar, tocar e sussurrar baixinho no ouvido com as luzes apagadas. Alguém como Missy, pensou, e a imagem da esposa imediatamente trouxe sentimentos de culpa e traição fortes o suficiente para expulsar o casal de sua cabeça para sempre.

Ou assim ele acreditou.

Mais tarde na mesma noite, logo depois de ir para a cama, pegou-se pensando no casal outra vez. E, embora a sensação de culpa e traição continuasse presente, não foi tão intensa quanto mais cedo. E naquele instante Miles entendeu que tinha dado o primeiro passo, ainda que pequeno, na direção de finalmente aceitar sua perda.

Começou a justificar essa nova realidade dizendo a si mesmo que agora era viúvo, que esses sentimentos eram normais e que ninguém discordaria dele quanto a isso. Ninguém esperava que ele fosse passar o resto da vida sozinho. Nos últimos meses, amigos tinham até se oferecido para lhe apresentar alguém. Além disso, sabia que Missy iria preferir que ele se casasse novamente. Ela mesma dissera isso em mais de uma ocasião – como a maioria dos casais, eles tinham feito a brincadeira do “e se”. Embora nenhum dos dois imaginasse que algo ruim pudesse lhes acontecer, ambos concordavam que não seria certo Jonah crescer só com o pai ou a mãe e que também não seria bom criar um filho sozinho. Ainda assim, parecia um pouco cedo demais para isso.

Conforme o verão foi passando, os pensamentos sobre encontrar outra pessoa se tornaram mais fortes e mais frequentes. Missy continuava em seu coração, continuaria lá para sempre, mas Miles começou a pensar mais seriamente em encontrar alguém para compartilhar sua vida. Esses pensamentos pareciam ganhar força tarde da noite, enquanto ele ninava Jonah na cadeira de balanço da varanda – a única coisa que parecia funcionar para os pesadelos –, e seguiam sempre o mesmo padrão. O *provavelmen-*

te conseguiria encontrar alguém se transformava em muito provavelmente encontraria, que por fim virava provavelmente deveria encontrar. Mas, quando o raciocínio atingia esse ponto, voltava para provavelmente isso não acontecerá, por mais que ele quisesse pensar diferente.

O motivo disso estava em seu quarto.

Na estante, dentro de um envelope pardo volumoso, estava a pasta sobre a morte de Missy, o dossiê que Miles havia preparado para si mesmo nos meses subsequentes ao funeral da mulher. Guardava-o consigo para não esquecer o que havia acontecido e para lembrá-lo do trabalho que ainda tinha a fazer.

Guardava-o para lembrá-lo do próprio fracasso.



Miles apagou o cigarro no parapeito da varanda e voltou para dentro de casa. Serviu-se o café de que tanto precisava e seguiu rumo ao quarto do filho. Empurrou a porta para espiar lá dentro: Jonah continuava dormindo. Ótimo, ainda tinha um tempinho. Foi para o banheiro.

Abriu o registro, fazendo o chuveiro chiar por alguns instantes antes de a água sair. Tomou banho, fez a barba e escovou os dentes. Enquanto penteava os cabelos, reparou mais uma vez que pareciam mais ralos. Vestiu seu uniforme às pressas, depois pegou o coldre no compartimento trancado acima da porta do quarto e o prendeu à cintura. Já no corredor, ouviu Jonah se mexer em seu quarto. Assim que abriu a porta do quarto do menino, ele ergueu os olhos inchados de sono para o pai. Fazia poucos minutos que havia acordado. Ainda estava sentado na cama, com os cabelos revoltos.

Miles sorriu.

– Bom dia, campeão.

Jonah ergueu a cabeça quase em câmera lenta.

– Oi, pai.

– Pronto para o café da manhã?

O menino esticou os braços e se espreguiçou com um leve gemido.

– Pode ser panqueca?

– Que tal *waffles* hoje? A gente está meio atrasado.

Jonah se curvou e pegou a calça comprida que o pai tinha separado na noite anterior.

– Todo dia você diz isso.

Miles deu de ombros.

– Todo dia você está atrasado.

– Então me acorde mais cedo.

– Tenho uma ideia melhor: por que você não vai dormir na hora que eu mando?

– Porque nessa hora eu não estou cansado. Só fico cansado de manhã.

– Bem-vindo ao clube.

– O quê?

– Nada – respondeu Miles. – Não se esqueça de pentear o cabelo depois de se vestir – lembrou ao filho, apontando para o banheiro.

– Pode deixar.

As manhãs quase sempre seguiam aquele roteiro. Miles pôs na máquina a massa para preparar *waffles* e se serviu uma segunda xícara de café. Quando Jonah terminou de se vestir e apareceu na cozinha, seu *waffle* o aguardava no prato, com um copo de leite ao lado. Miles já havia passado manteiga nele, mas Jonah gostava de despejar calda por cima de tudo. Os dois começaram a comer e durante um minuto ninguém disse nada. O menino ainda parecia desligado. Miles precisava conversar com o filho, mas queria que ele pelo menos aparentasse estar entendendo.

Após alguns minutos desse silêncio cúmplice, Miles finalmente pigarreou para chamar a atenção do filho.

– Como anda a escola? – perguntou.

Jonah deu de ombros.

– Tudo bem.

Esse diálogo também fazia parte da rotina. Miles sempre perguntava como andava a escola; Jonah sempre respondia que estava tudo bem. Mais cedo naquela manhã, porém, quando estava preparando a mochila do filho, Miles encontrara um recado da professora pedindo que ele comparecesse à escola. Algo nas palavras escolhidas o deixara com a sensação de que aquilo era mais sério do que uma reunião normal entre pais e mestres.

– Tudo bem nas aulas?

Jonah deu de ombros.

– A-hã.

– Está gostando da professora?

Jonah assentiu entre duas mordidas.

– A-hã – repetiu.

Miles aguardou para ver se o filho tinha algo mais a acrescentar, mas não. Então chegou um pouco mais perto.

– Então por que você não me disse nada sobre o recado que ela mandou?

– Que recado? – perguntou o menino, de forma inocente.

– O que estava na sua mochila, o que a sua professora queria que eu lesse.

Jonah tornou a dar de ombros.

– Devo ter esquecido.

– Como é que você esquece uma coisa dessas?

– Sei lá.

– E sabe por que ela quer conversar comigo?

– Não...

Jonah hesitou e Miles percebeu na hora que o filho não estava dizendo a verdade.

– Filho, você está com algum problema na escola?

Isso fez Jonah piscar e erguer os olhos. O pai só o chamava de “filho” quando ele fazia alguma besteira.

– Não, pai. Eu nunca faço bagunça. Juro.

– Então o que houve?

– Sei lá.

– Pense um pouco.

Jonah se remexeu na cadeira, sabendo que havia chegado ao limite da paciência do pai.

– Bom, acho que eu posso estar tendo um probleminha com alguns deveres.

– Pensei que você tivesse dito que estava tudo bem na escola.

– Mas *está* tudo bem na escola. A professora é muito legal... Eu gosto da escola. – Ele fez uma pausa. – Mas é que às vezes eu não entendo tudo da aula.

– É para isso que você vai à escola, para aprender.

– Eu sei – respondeu o menino –, mas ela não é que nem a professora do ano passado. Os deveres que ela passa são *difíceis*. Às vezes eu não consigo fazer.

Jonah pareceu ao mesmo tempo assustado e envergonhado. Miles estendeu a mão e tocou o ombro do filho.

– Por que você não me disse que estava com dificuldade?

Jonah levou um tempão para responder.

– Porque eu não queria que você ficasse bravo – disse por fim.



Depois que Jonah terminou de se arrumar, Miles o ajudou a pôr a mochila nas costas e o levou até a porta de casa. O menino não tinha dito muita coisa desde o café. Miles se abaixou e deu um beijo no rosto do filho.

– Não se preocupe com hoje à tarde. Vai dar tudo certo, OK?

– OK – balbuciou Jonah.

– E não esqueça que vou buscar você. Não pegue o ônibus.

– OK – repetiu o menino.

– Eu te amo, campeão.

– Também te amo, pai.

Miles ficou observando enquanto o filho andava até o ponto do ônibus escolar no final do quarteirão. Sabia que Missy não teria se surpreendido com os acontecimentos daquela manhã. Ao contrário dele, Missy já sabia que o filho estava com dificuldades na escola. Missy cuidava da vida escolar dele.

Missy cuidava de tudo.

2



Na noite anterior à reunião com Miles Ryan, Sarah Andrews fazia sua caminhada pelo centro histórico de New Bern tentando manter um ritmo constante. Embora gostasse dos benefícios que o exercício lhe trazia – fazia cinco anos que era uma praticante assídua –, vinha sendo difícil mantê-lo desde que ela se mudara para lá. Toda vez que saía, descobria alguma coisa nova que a interessava, algo que parava para ver.

Fundada em 1710, New Bern ficava às margens dos rios Neuse e Trent, no leste da Carolina do Norte. Como era a segunda cidade mais antiga do estado, já tinha sido capital e abrigava o palácio Tryon, residência do governador nos tempos coloniais. Destruído por um incêndio em 1798, o palácio fora restaurado em 1954 e tinha hoje um dos jardins mais deslumbrantes do Sul do país. Na primavera, as tulipas e azaleias espalhadas pela propriedade floresciam e, no outono, os crisântemos desabrochavam. Sarah tinha feito uma visita guiada assim que se mudara e, apesar de não ser outono nem primavera, terminara o passeio desejando morar perto o suficiente dali para poder passar por seus portões todos os dias.

Mudara-se para a Middle Street, a poucos quarteirões do palácio, bem no centro da cidade. Seu apartamento ficava a um lance de escadas e três portas de distância da farmácia na qual, em 1898, Caleb Bradham tinha vendido o primeiro gole da bebida que mais tarde o mundo inteiro conheceria como Pepsi-Cola. A igreja episcopal, inaugurada em 1718, ficava na esquina: uma imponente construção de tijolos protegida por imensas magnólias. Sarah passava tanto pela farmácia como pelo palácio quando saía de casa para caminhar na Front Street, onde muitas mansões bicentenárias se mantinham graciosamente de pé.

O que ela mais admirava, porém, era o fato de, uma a uma, a maioria das casas ter sido restaurada ao longo dos últimos cinquenta anos. Ao contrário de Williamsburg, na Virgínia, onde as restaurações ocorreram em grande parte graças a uma doação da Fundação Rockefeller, New Bern conseguira seduzir os próprios moradores, e estes haviam retribuído mantendo a cidade do jeito que ela era. A sensação de pertencer a uma comunidade atraía os pais de Sarah para lá quatro anos antes; já ela não sabia nada sobre New Bern antes de se mudar para lá, em junho.

Enquanto caminhava, pensava em como aquele lugar era diferente de Baltimore, em Maryland, onde ela nascera e fora criada e onde morara até poucos meses antes. Embora Baltimore também tivesse uma rica história, era acima de tudo uma cidade grande. New Bern, por sua vez, era uma cidadezinha do Sul relativamente isolada e quase sem interesse em acompanhar o ritmo cada vez mais frenético da vida em outros lugares. Ali os conhecidos acenavam ao vê-la passar e respondiam longa e demoradamente a suas perguntas, muitas vezes fazendo referências a pessoas ou acontecimentos dos quais Sarah jamais ouvira falar – o que fazia sentido, num lugar onde tudo e todos pareciam de alguma forma ligados. Isso geralmente era agradável, mas às vezes a deixava maluca.

Sua família havia se mudado para ali quando seu pai fora trabalhar como administrador do Centro Médico Craven. Depois que Sarah se divorciou, eles começaram a insistir para que a filha também fosse morar lá. Conhecendo a mãe, ela havia adiado a mudança por um ano. Não que Sarah não a amasse, mas ela às vezes podia ser, digamos, cansativa. Ainda assim, Sarah acabara aceitando a sugestão dos pais e, para sua felicidade, ainda não havia se arrependido. Aquilo era exatamente o que ela precisava. No entanto, por mais encantadora que a cidade fosse, Sarah não se via morando ali para sempre.

Praticamente no momento em que chegara, ela havia compreendido que New Bern não era uma cidade para solteiros. Não havia muitos lugares para se conhecer gente nova e as pessoas da sua idade que ela havia encontrado já eram casadas e tinham família. Como em muitas cidades do Sul, a vida ali ainda era definida por certas convenções sociais. Como a maioria das pessoas era casada, uma mulher solteira tinha dificuldade para encontrar seu lugar ao sol, ou mesmo para começar a tentar encontrá-lo. Principalmente uma mulher divorciada e recém-chegada à cidade.

Mas New Bern certamente era o lugar ideal para se criar filhos. Às vezes, durante as caminhadas, Sarah gostava de fantasiar que sua vida era diferente. Quando menina, sempre imaginara que um dia iria se casar, ter filhos, uma casa em um bairro residencial, no qual as famílias se reunissem no quintal na sexta-feira à noite – o tipo de vida que tivera na infância. Mas não era isso que tinha acontecido. Uma coisa ela havia aprendido: a vida raramente segue nossos planos.

Durante algum tempo, no entanto, ela acreditara que tudo fosse possível, principalmente depois de conhecer Michael. Sarah estava terminando sua formação em pedagogia e ele acabara de concluir um MBA em Georgetown. A família dele, uma das mais importantes de Baltimore, era conhecida por sua soberba e pela fortuna que ganhara no setor bancário – o tipo de gente que faz parte do conselho administrativo de várias empresas e cria regulamentos em clubes para excluir as pessoas que considera inferiores. Michael, porém, parecia ir contra os valores da família e era considerado o melhor partido da cidade. Todos paravam para olhá-lo quando ele chegava e, embora ele tivesse consciência disso, sua qualidade mais cativante era ser capaz de fingir que o que os outros pensavam dele não tinha a menor importância.

Fingir, naturalmente, era a palavra-chave.

Como todas as suas amigas, Sarah sabia quem ele era quando o viu aparecer em uma festa e ficou surpresa quando ele foi cumprimentá-la mais tarde na mesma noite. Os dois se deram bem na mesma hora. Aquele bate-papo rápido levou a um café e a outra conversa, mais longa, no dia seguinte e, depois disso, a um jantar. Em pouco tempo, os dois começaram a namorar firme e ela se apaixonou. Um ano depois, Michael a pediu em casamento.

A mãe de Sarah ficou animadíssima com a notícia, mas o pai não disse muita coisa a não ser que torcia pela felicidade da filha. Talvez ele desconfiasse de alguma coisa, ou talvez apenas já tivesse vivido o suficiente para saber que contos de fadas raramente viram realidade. Seja como for, não lhe disse nada na época e Sarah nem sequer se preocupou em questionar a atitude do pai, exceto quando Michael lhe pediu que assinassem um pacto pré-nupcial. Ele alegou que a família havia insistido naquilo e se esforçou bastante para pôr a culpa nos pais, mas parte de Sarah desconfiou que, mesmo que estes não estivessem por trás da decisão, o próprio Michael

teria querido o acordo. Mesmo assim, assinou os documentos. Naquela mesma noite, os pais de Michael deram uma festa de arromba para anunciar formalmente o noivado e o casamento.

Sete meses depois, Sarah e Michael estavam casados. Passaram a lua de mel na Grécia e na Turquia. Ao voltar para Baltimore, se mudaram para uma casa a menos de dois quarteirões de onde os pais de Michael moravam. Embora não precisasse trabalhar, Sarah começou a lecionar para o segundo ano do ensino fundamental em uma escola do centro da cidade. Surpreendentemente, Michael deu total apoio à sua decisão, mas seu relacionamento era assim na época. Nos dois primeiros anos de casamento, tudo parecia perfeito: nos fins de semana, ela e Michael passavam horas na cama, conversando e fazendo amor, e ele compartilhava com a esposa seus sonhos de um dia entrar para a política. Tinham um amplo círculo de amigos, composto principalmente por pessoas que Michael conhecia desde a infância, e sempre havia uma festa para ir ou uma viagem de fim de semana para fazer. Passavam o que lhes restava de tempo livre em Washington, indo a museus, teatros e conhecendo pontos turísticos. Foi num passeio desses, quando estavam dentro do monumento em homenagem a Abraham Lincoln, que Michael disse a Sarah que estava pronto para começar uma família. Ela o abraçou assim que ouviu suas palavras, sabendo que nada que ele pudesse ter dito a teria deixado mais feliz.

Quem pode explicar o que aconteceu depois daquele dia tão feliz? Vários meses se passaram sem que Sarah engravidasse. O médico lhe disse para não se preocupar, que às vezes demorava um pouco depois que se parava de tomar a pílula, mas sugeriu que voltassem a procurá-lo no final do ano, caso ainda estivessem tendo problemas.

O fim do ano chegou e eles ainda estavam com problemas, então marcaram alguns exames. Assim que os resultados saíram, eles foram conversar com o médico. Quando se sentaram em frente a ele, Sarah imediatamente soube que havia algo errado.

Foi naquele dia que ela descobriu que não ovulava.

Uma semana mais tarde, Sarah e Michael tiveram sua primeira briga séria. Michael demorou para chegar do trabalho e Sarah passou horas andando de um lado para outro à sua espera, perguntando-se por que ele não tinha ligado e imaginando que alguma coisa horrível tivesse acontecido.

Quando ele finalmente chegou, estava bêbado e ela, histérica. “Você não é minha dona”, foi toda a explicação que deu, e daquele ponto o bate-boca se inflamou depressa. No calor da briga, ambos disseram coisas horríveis. Horas depois, Sarah estava arrependida e Michael pedia desculpas. Depois disso, porém, ele começou a parecer mais distante, mais reservado. Quando a esposa o pressionava, ele negava que seus sentimentos por ela tivessem mudado. “Vai ficar tudo bem”, dizia, “nós vamos superar isso.”

Pelo contrário: a relação dos dois foi ficando cada vez pior. A cada mês que passava, as brigas ficavam mais frequentes e a distância entre eles, maior. Certa noite, quando ela tornou a sugerir que eles poderiam adotar uma criança, Michael simplesmente descartou a sugestão: “Meus pais não vão aceitar.”

Naquela noite, parte de Sarah teve certeza de que seu casamento enveredara por um caminho sem volta. Não foram as palavras dele que a fizeram entender isso, tampouco o fato de ele parecer estar tomando o partido dos pais. Foi a expressão no rosto dele – uma expressão que a fez perceber que Michael de repente parecia considerar aquilo um problema dela, não do casal.

Menos de uma semana depois, Sarah encontrou Michael sentado à mesa de jantar com um copo de bourbon ao seu lado. Pela expressão nos olhos do marido, ela percebeu que não era a primeira dose que ele tomava. Ele queria se divorciar, falou; tinha certeza de que ela entendia. Quando ele terminou de falar, Sarah se descobriu incapaz de formular qualquer resposta, mas também não queria responder nada.

Seu casamento havia acabado. Durara menos de três anos. Sarah estava com 27.

Os doze meses seguintes passaram num borrão. Todo mundo queria saber o que havia acontecido, mas, exceto pela família, Sarah não contou a ninguém. “Não deu certo”, era tudo o que dizia sempre que alguém perguntava.

Como não sabia mais o que fazer, Sarah continuou a lecionar. Também fazia terapia duas horas por semana com uma médica maravilhosa chamada Sylvia. Quando esta recomendou um grupo de apoio, Sarah foi a algumas reuniões. Ficava lá basicamente ouvindo as histórias dos outros e acreditava estar melhorando. Às vezes, porém, sentada sozinha no pequeno apartamento em que morava, sua realidade se abatia sobre ela e Sarah recomeçava a chorar e não conseguia parar por muitas horas. Durante

uma das piores fases, chegou a pensar em se matar. Nunca revelou isso a ninguém – nem à terapeuta, nem a sua família. Foi nessa época que percebeu que precisava sair de Baltimore, que precisava recomeçar sua vida em outro lugar. Um lugar onde as lembranças não fossem tão dolorosas, um lugar onde nunca houvesse morado.

Agora, percorrendo as ruas de New Bern, Sarah fazia o possível para tocar sua vida adiante. Às vezes ainda era uma luta, mas não tão difícil quanto já tinha sido. Os pais a apoiavam à sua maneira – o pai não comentava o assunto, a mãe recortava artigos de jornal sobre os últimos avanços da medicina. Seu irmão, Brian, contudo, tinha sido uma verdadeira boia salva-vidas antes de partir para cursar o primeiro ano na Universidade da Carolina do Norte.

Como a maior parte dos adolescentes, ele às vezes parecia distante e retraído, mas também sabia ouvi-la demonstrando atenção e se mostrava disponível sempre que Sarah precisava conversar. Agora que ele estava longe, Sarah sentia sua falta. Os dois sempre tinham sido muito próximos: como Sarah era mais velha, havia ajudado a trocar as fraldas do irmão e a lhe dar comida sempre que a mãe deixava. Quando ele entrou para a escola, Sarah o ajudava com os deveres de casa. Estudando com ele, ela havia descoberto que queria ser professora.

Era uma decisão da qual jamais se arrependera. Amava lecionar, amava trabalhar com crianças. Sempre que entrava em sala e via trinta carinhas ansiosas erguidas na sua direção, tinha certeza de que escolhera a carreira certa. No início, como a maioria dos jovens professores, era idealista e imaginava que conseguiria estimular qualquer criança, desde que insistisse o bastante. Para sua tristeza, descobrira que não era assim. Por mais que se esforçasse, por algum motivo certas crianças permaneciam alheias a qualquer coisa que ela fizesse. Essa era a pior parte do trabalho, a única que às vezes lhe tirava o sono, mas nunca a impedia de tentar outra vez.

Sarah enxugou o suor da testa, feliz pelo calor finalmente estar diminuindo. O sol já ia mais baixo no horizonte, alongando as sombras ao redor. Quando ela passou pelo corpo de bombeiros, dois brigadistas sentados em cadeiras de jardim menearam a cabeça. Ela sorriu. O final da tarde não devia ser horário para incêndios por ali. Pelo menos, fazia quatro meses que ela passava ali por volta da mesma hora e via aqueles bombeiros sentados exatamente no mesmo lugar. New Bern.

Percebeu que sua vida tinha ficado incrivelmente simples desde que se mudara para lá. Embora às vezes sentisse falta da energia da cidade grande, precisava admitir que diminuir o ritmo tinha lá suas vantagens. Durante o verão, passara longas horas explorando os antiquários do centro ou simplesmente admirando os veleiros atracados atrás do Sheraton. Mesmo agora, que as aulas já haviam começado, nunca precisava correr para fazer nada. Trabalhava, caminhava e, tirando as visitas aos pais, passava a maior parte das noites sozinha, ouvindo música clássica e revendo os planos de aula. E, para ela, estava ótimo.

Ainda precisava repensar algumas coisas em seu planejamento para as aulas. Desde que começara o ano letivo, tinha descoberto que muitos alunos não estavam tão adiantados quanto deveriam nas matérias principais, e precisava diminuir um pouco o ritmo e fazer revisões. Não ficara espantada com isso: cada escola avançava em um ritmo diferente. Imaginava, porém, que no final do ano a maioria da turma acabaria atingindo o nível esperado. Mas um aluno em especial a estava deixando preocupada.

Jonah Ryan.

Ele era um menino bonzinho: tímido, quieto, o tipo de criança fácil de passar despercebida. No primeiro dia de aula, ficara sentado nos fundos da sala e respondera educadamente às suas perguntas, mas, depois de trabalhar em Baltimore, ela havia aprendido a prestar atenção em alunos assim. Às vezes seu comportamento não significava nada em especial; outras vezes, indicava que a criança estava tentando se esconder. Depois de pedir à turma para entregar o primeiro dever de casa, ela fizera uma anotação mental para verificar com cuidado o de Jonah. Não foi necessário.

O dever – um parágrafo curto sobre alguma coisa que os alunos tivessem feito no verão anterior – era uma forma de Sarah avaliar rapidamente a capacidade de redação das crianças. A maioria das redações trazia o esperado: algumas palavras com erros de ortografia, pensamentos incompletos e caligrafia desleixada, mas o trabalho de Jonah havia se destacado pelo simples fato de o menino não ter feito o que a professora pedira. Ele havia escrito seu nome no canto superior do papel, mas, em vez de redigir um parágrafo, desenhara a si mesmo pescando em um barquinho. Quando ela lhe perguntara por que não tinha feito o que pedira, Jonah havia explicado que a Sra. Hayes sempre o deixava desenhar porque “eu não sei escrever muito bem”.

O alarme na mente de Sarah disparou na mesma hora. Ela sorriu e se abaixou para ficar mais próxima dele. “Pode me mostrar como você escreve?”, pediu. Depois de um longo intervalo, Jonah assentiu com relutância.

Enquanto os demais alunos iniciavam outra atividade, Sarah ficou sentada ao lado de Jonah vendo que ele dava o melhor de si. Mas logo percebeu que era inútil: o menino não sabia escrever. Mais tarde nesse dia, descobriu que ele praticamente também não sabia ler. Tampouco se saía bem em matemática. Caso nunca o tivesse visto e precisasse avaliar em que série ele estava, Sarah teria dito que era no início do jardim de infância.

A primeira coisa que lhe passou pela cabeça foi que o menino tinha uma deficiência de aprendizado, talvez dislexia. Depois de passar uma semana com ele, porém, não achou mais que fosse o caso. Ele não misturava letras nem palavras, e entendia tudo o que ela lhe dizia. Quando Sarah lhe mostrava alguma coisa, sua tendência era fazê-la corretamente dali em diante. O problema, imaginou ela, vinha do simples fato de os outros professores nunca terem exigido que o menino fizesse os trabalhos.

Quando levantou a questão com um ou dois colegas, ficou sabendo sobre a mãe de Jonah. Embora tivesse se solidarizado com a situação, sabia que não era bom para ninguém – muito menos para o menino – simplesmente deixá-lo ficar para trás, como tinham feito seus antigos professores. Ao mesmo tempo, Sarah tinha outros alunos e não poderia dar a Jonah toda a atenção de que ele precisava. No final das contas, resolveu chamar o pai do garoto para conversar, na esperança de que juntos pudessem achar uma solução.

Já tinha ouvido falar em Miles Ryan.

Não muito, mas sabia que, de modo geral, as pessoas gostavam dele e o respeitavam. Acima de tudo, ele parecia se importar com o filho. Isso já era um bom ponto de partida. Ainda que tivesse pouco tempo de profissão, Sarah já conhecera pais que não se preocupavam com os filhos, que os consideravam mais um fardo do que uma bênção, e conhecera também pais que defendiam os filhos a ponto de acreditar que eles fossem incapazes de cometer qualquer erro. Ambos eram impossíveis de se lidar. Mas, pelo que ouvira dizer, Miles Ryan não era assim.

Na esquina seguinte, Sarah finalmente diminuiu o passo, depois esperou que dois carros passassem. Atravessou a rua, acenou para o balconista da farmácia e pegou a correspondência antes de subir a escada até seu apar-

tamento. Depois de destrancar a porta, passou os olhos rapidamente pelos envelopes e os deixou sobre o aparador junto à entrada.

Na cozinha, serviu-se um copo de água gelada e o levou até o quarto. Estava se despindo, jogando as roupas no cesto e sonhando com uma ducha fria quando viu a luzinha da secretária eletrônica piscar. Apertou o PLAY e ouviu a voz da mãe lhe dizendo que seria um prazer receber uma visita sua mais tarde, se ela não tivesse outro compromisso. Como de hábito, a voz da mãe soava levemente ansiosa.

Sobre a mesa de cabeceira, ao lado da secretária, Sarah tinha posto uma fotografia da família: Maureen e Larry no meio, ladeados por ela e Brian. A secretária emitiu um clique e começou a reproduzir um segundo recado, também de sua mãe. “Ah, achei que você já tivesse chegado...”, começou ela. “Espero que esteja tudo bem...”

Será que deveria ir visitá-los ou não? Estaria mesmo disposta?

Por que não? Não tenho mais nada para fazer mesmo.



Miles Ryan estava descendo a Madame Moore's Lane, uma estrada estreita e sinuosa que margeava o rio Trent e o córrego Brices desde o centro de New Bern até Pollocksville, um pequeno povoado 20 quilômetros ao sul. O nome da estrada era uma referência à antiga proprietária de um dos mais famosos bordéis da Carolina do Norte.

Apesar da beleza e do relativo isolamento, a estrada era perigosa. Caminhões pesados carregados com toras de madeira passavam ruidosamente por ali dia e noite e os motoristas tinham tendência a avaliar mal as curvas. Como sua casa ficava em um dos bairros à margem da estrada, Miles vinha tentando baixar o limite de velocidade ali havia anos.

Ninguém nunca lhe dera ouvidos, exceto Missy.

Aquela estrada sempre o fazia pensar nela.

Miles tirou outro cigarro do maço, acendeu-o e baixou o vidro. Quando a brisa morna soprou para dentro do carro, imagens da vida simples que os dois levavam surgiram em sua mente. Como sempre, no entanto, elas o levaram a seu último dia juntos.

Por ironia, apesar de ser domingo, Miles havia passado a maior parte do dia fora, pescando com Charlie Curtis. Saíra cedo e, embora tanto ele

quanto Charlie tivessem voltado para casa com peixes, isso não bastara para apaziguar Missy. Com o rosto todo sujo de terra, ela pôs as mãos no quadril e o encarou com um olhar zangado assim que ele pisou em casa. Não falou nada, mas nem precisava. Seu olhar já dizia tudo.

O irmão e a cunhada de Missy iriam chegar de Atlanta no dia seguinte e ela passara o dia arrumando a casa e tentando aprontá-la para os hóspedes. Jonah estava de cama, gripado – o que não facilitava em nada as coisas, uma vez que ela precisava cuidar dele também. Mas não era por isso que Missy estava brava, o motivo da zanga era o próprio Miles.

Embora tivesse dito que não se importaria se Miles fosse pescar, ela *lhe pedira* que desse um jeito no quintal no sábado para não ter que se preocupar com isso também. Só que no sábado ele tivera que trabalhar e, em vez de ligar para Charlie e desmarcar a pescaria, decidira ir pescar no domingo mesmo assim.

Charlie passara o dia inteiro fazendo gracinhas – “Vai ter que dormir no sofá hoje à noite” – e Miles sabia que ele provavelmente tinha razão. Mas dar um jeito no quintal era dar um jeito no quintal e pescaria era pescaria – e, para ser sincero, Miles sabia que nem o irmão de Missy nem a esposa dele iriam ligar a mínima se houvesse algumas ervas daninhas crescendo no jardim.

Além disso, ele poderia dar conta de tudo quando voltasse e era o que pretendia fazer. Não tinha a intenção de passar o dia inteiro fora. No entanto, como em muitas das suas pescarias, uma coisa tinha levado a outra e ele perdera a noção da hora. Apesar disso, tinha preparado o que diria à esposa: “Não se preocupe, vou arrumar tudo, nem que leve o resto da noite e precise de uma lanterna.” Poderia ter funcionado, bastaria que ele tivesse avisado à mulher antes de sair. Só que ele havia esquecido e, ao chegar em casa, Missy já tinha feito a maior parte do trabalho. A grama estava aparada; o caminho de pedestres, livre de plantas, e ela havia plantado amores-perfeitos em volta da caixa de correio. Devia ter levado horas. Dizer que estava brava era pouco. Nem mesmo “uma fera” seria suficiente. Era a diferença entre um fósforo aceso e um incêndio na floresta, Miles sabia. Já tinha visto aquela expressão algumas vezes ao longo de seu casamento, mas só umas poucas. Engoliu em seco. Lá vamos nós.

– Oi, amor – falou, envergonhado. – Desculpe por ter chegado tão tarde. A gente perdeu a noção da hora.

Quando ele estava prestes a iniciar o discurso que ensaiara, Missy lhe virou as costas e falou por cima do ombro:

– Vou sair para dar uma corrida. *Disso* você pode dar conta, não pode?
– falou, apontando para a grama cortada que precisava ser varrida do caminho de pedestres e da entrada de carros.

Miles teve o bom senso de não responder.

Depois de ela entrar para trocar de roupa, Miles pegou o cooler na mala do carro e o levou até a cozinha. Ainda estava colocando os peixes na geladeira quando Missy saiu do quarto.

– Estava só guardando o peixe... – começou ele, e Missy contraiu o maxilar.

– E aquilo que eu pedi para você fazer?

– Eu vou fazer... Só vou terminar isto aqui, para não estragar.

Missy revirou os olhos.

– Esqueça. Eu faço quando voltar.

A voz de mártir. Miles não suportava aquilo.

– Eu faço – disse ele. – Eu disse que ia fazer, não disse?

– Do mesmo jeito que disse que daria um jeito no gramado antes de sair para pescar?

Ele deveria simplesmente ter ficado quieto. Sim, ele havia passado o dia pescando em vez de ajudar em casa; sim, tinha deixado Missy na mão. No entanto, dentro do contexto geral, aquilo não era *tão* importante assim, era? Afinal de contas, eram só o irmão e a cunhada dela. Não era o presidente que estava indo visitá-los. Não havia motivo nenhum para perder a razão por causa daquilo.

Sim, ele deveria mesmo ter ficado na dele. A julgar pelo jeito como Missy o olhou depois de ele falar, teria sido melhor. Quando ela bateu a porta ao sair de casa, Miles chegou a ouvir as vidraças balançarem.

Algum tempo depois de ela sair, porém, percebeu que tinha errado e se arrependeu. Fora um idiota e ela estava certa por ter chamado sua atenção.

Só que ele nunca teria a oportunidade de pedir desculpas.



– Continua fumando, é?

Charlie Curtis, xerife do condado, olhou para o amigo enquanto Miles se sentava.

– Eu não fumo – respondeu depressa.

Charlie ergueu as duas mãos.

– Eu sei, eu sei... Você já me disse. Se quer ficar se enganando, por mim tudo bem. Mas mesmo assim eu vou pegar os cinzeiros quando você aparecer lá em casa.

Miles riu. Charlie era uma das poucas pessoas da cidade que ainda o tratavam do mesmo jeito de sempre. A amizade deles era antiga. Fora Charlie quem sugerira a Miles virar subxerife e havia se tornado seu mentor assim que Miles terminara a formação. Era mais velho – iria completar 65 anos em março do ano seguinte –, tinha os cabelos entremeados de fios grisalhos e engordara quase dez quilos nos últimos anos, praticamente todos na barriga. Não era o tipo de xerife que intimidava as pessoas à primeira vista, mas era observador, zeloso e sempre conseguia as respostas que buscava. Nas últimas três eleições, ninguém nem sequer se dera o trabalho de concorrer com ele.

– Mas só vou lá se você parar com essas acusações ridículas – rebateu Miles.

Os dois estavam sentados a uma mesa de canto reservada. A garçonete, atarefada com o movimento do horário de almoço, largou uma jarra de chá e dois copos com gelo em frente aos dois e foi atender o próximo cliente. Miles serviu o chá e empurrou um copo na direção do amigo.

– Brenda vai ficar triste – comentou Charlie. – Você sabe que ela tem crise de abstinência quando você passa muito tempo sem levar o Jonah lá em casa – falou, e tomou um gole da bebida. – Então, animado para conversar com Sarah hoje?

Miles ergueu os olhos.

– Com quem?

– A professora do Jonah.

– Foi sua mulher quem comentou?

Charlie deu um sorrisinho maroto. Brenda trabalhava no gabinete do diretor da escola e parecia estar sempre a par de tudo o que acontecia por lá.

– Claro.

– Qual é mesmo o nome dela?

– Brenda – respondeu Charlie, seriíssimo.

Miles o encarou e Charlie fez ar de desentendido.

– Ah... da professora, você quer dizer? Sarah. Sarah Andrews.

Miles tomou um gole de chá.

– Ela é boa professora? – perguntou.

– Acho que sim. Brenda disse que ela é ótima e que as crianças a adoram, mas Brenda acha todo mundo ótimo – falou, então se inclinou para a frente como quem fosse contar um segredo. – E ela comentou que Sarah é bem bonita. De parar o trânsito, se é que você me entende.

– E o que isso tem a ver com o assunto?

– E também falou que ela é solteira.

– E daí?

– Nada.

Charlie abriu um pacotinho de açúcar e o despejou dentro do chá já adoçado. Deu de ombros.

– Estou só contando o que a Brenda falou.

– Ah, que bom – retrucou Miles. – Muito agradecido. Não sei como eu teria conseguido passar o dia sem o último relatório da Brenda.

– Ah, Miles, relaxe. Você sabe que ela vive procurando alguém para você.

– Diga a ela que estou bem assim.

– Eu sei que você está, caramba. Mas a Brenda se preocupa. Aliás, ela também sabe que você fuma.

– Eu vim aqui só para você encher o meu saco ou tinha algum outro motivo para querer me ver?

– Na verdade, tinha sim. Mas precisava prepará-lo direito para você não surtar.

– Que papo é esse?

Na mesma hora em que ele fez a pergunta, a garçonete pôs em cima da mesa dois pratos de churrasco com salada de repolho e bolinhos de milho, o pedido habitual dos dois, e Charlie aproveitou para organizar seus pensamentos. Pôs mais vinagrete em cima da carne e temperou a salada com um pouco de pimenta. Depois de decidir que não havia jeito fácil de dizer aquilo, simplesmente falou:

– Harvey Wellman decidiu retirar a queixa contra Otis Timson.

Harvey Wellman era o promotor público do condado de Craven. Havia falado com Charlie naquela mesma manhã e se oferecido para conversar com Miles, mas Charlie considerara melhor ele mesmo se encarregar do assunto.

Miles ergueu os olhos para o amigo.

– Como é que é?

– O caso não se sustentava. Parece que Beck Swanson de repente teve uma amnésia em relação ao que aconteceu.

– Mas eu estava lá...

– Você chegou depois. Não viu o que aconteceu.

– Mas vi o sangue. Vi a cadeira e a mesa quebradas no meio do bar. Vi as pessoas que tinham se juntado.

– Eu sei, eu sei. Mas o que Harvey podia fazer? Beck jurou de pés juntos que tinha caído, que Otis não tocou nele. Disse que estava meio confuso naquela noite, mas que agora se lembra de tudo.

Miles de repente perdeu o apetite e empurrou o prato para o lado.

– Se eu fosse lá de novo, tenho certeza de que poderia encontrar alguém que viu o que aconteceu.

Charlie fez que não com a cabeça.

– Sei que isso incomoda você, mas de que iria adiantar? Você sabe quantos irmãos do Otis estavam lá naquela noite. Eles também diriam que nada aconteceu... E, vai saber, talvez os verdadeiros responsáveis tenham sido eles. Sem o depoimento de Beck, o que Harvey poderia ter feito? Além do mais, você sabe como Otis é. Ele vai fazer alguma outra coisa, é só questão de tempo.

– É isso que me preocupa.

Miles e Otis Timson tinham uma longa história. A desavença havia começado oito anos antes, quando Miles se tornara subxerife. Ele prendera o pai de Otis, Clyde Timson, por agressão, depois que jogara a esposa pela porta de tela do trailer em que moravam. Clyde havia cumprido pena – embora não tão longa quanto deveria ter sido – e, ao longo dos anos, cinco de seus seis filhos também haviam passado algum tempo na prisão por crimes que iam de tráfico de drogas a roubo de carros, passando por agressão.

Para Miles, Otis era o mais perigoso de todos pelo simples fato de ser o mais inteligente.

Desconfiava de que Otis fosse não fosse apenas adepto de pequenos delitos, como o restante da família. Para começar, sua aparência física não condizia com isso. Ao contrário dos irmãos, ele evitava as tatuagens e mantinha os cabelos cortados bem rentes. Havia ocasiões em que chegava a arrumar emprego fazendo serviços braçais. Não tinha cara de

marginal, mas as aparências enganam. Seu nome estava vinculado a vários crimes e os moradores da cidade muitas vezes especulavam que ele administrava a entrada de drogas no condado, embora Miles não tivesse como provar isso. Para sua grande frustração, nenhuma das batidas policiais jamais dera em nada.

Otis tinha uma rixa pessoal.

Miles só entendeu isso de fato depois que Jonah nasceu. Tinha prendido três dos irmãos de Otis após uma briga durante uma reunião de família. Uma semana depois, Missy estava na sala ninando o filho, então com quatro meses, quando alguém jogou um tijolo através da janela. Os dois quase foram atingidos e um caco de vidro feriu a bochecha do bebê. Embora não pudesse provar, Miles sabia que Otis era o responsável por aquilo e apareceu na casa dos Timson – um conjunto de trailers decrépitos dispostos em semicírculo nos arredores da cidade – com três outros subxerifes de armas em punho. Os Timson não apresentaram resistência e, sem dizer nada, estenderam as mãos para serem algemados e levados à delegacia.

No final das contas, por falta de provas, ninguém foi indiciado. Miles ficou uma fera. Depois que os Timson foram liberados, confrontou Harvey Wellman em frente à sala do promotor. Os dois bateram boca e quase saíram no braço, até que carregaram Miles de lá.

Nos anos subsequentes, houvera outros episódios: tiros disparados na proximidade da sua casa, um incêndio misterioso na garagem, coisas que mais faziam pensar em brincadeiras de adolescente. No entanto, nesses casos também, sem testemunhas não havia nada que Miles pudesse fazer. Desde a morte de Missy, tudo andava relativamente tranquilo.

Até a última prisão.

Charlie parou de olhar para o próprio prato e encarou o amigo com uma expressão séria.

– Escute, você e eu sabemos que ele tem culpa no cartório, mas nem pense em cuidar disso sozinho. Não vai querer que as coisas saiam do controle como da outra vez. Você agora tem que pensar no Jonah, e nem sempre está por perto para proteger o menino.

Miles olhou pela janela enquanto o amigo continuava a falar:

– Olhe aqui... Ele vai fazer alguma outra besteira e, se o caso se sustentar, eu vou ser o primeiro a indiciar o cara. Você sabe disso. Mas não vá sair por aí atrás de confusão. Esse cara é perigoso. Fique longe dele.

Miles não reagiu.

– Deixe isso quieto, entendeu?

Charlie agora não estava falando apenas como amigo, mas também como chefe.

– Por que está me dizendo isso?

– Acabei de explicar o porquê.

Miles avaliou o amigo com atenção.

– Mas tem mais coisa, não tem?

Charlie encarou Miles nos olhos por um longo tempo.

– Otis disse que você foi meio truculento na hora da prisão. Ele prestou queixa...

Miles deu um soco na mesa e o barulho ecoou pelo restaurante. Os clientes ao lado se sobressaltaram e se viraram para olhar, mas ele nem reparou.

– É mentira!

Charlie ergueu as mãos para fazê-lo parar.

– Eu sei, caramba, e disse isso para Harvey. Ele não vai fazer nada em relação à queixa. Mas você e ele não são exatamente os melhores amigos do mundo e ele sabe como você fica quando se exalta. Mesmo que não vá registrar a queixa, ele não acha impossível que Otis esteja dizendo a verdade e me mandou avisar você de que mantivesse distância.

– Então o que eu faço se vir Otis cometendo um crime? Olho para o outro lado?

– Não, caramba! Deixe de ser bobo. Caio na sua pele se você fizer isso. Só fique longe por um tempo, até a poeira baixar, a menos que não tenha alternativa. Estou dizendo isso para o seu próprio bem, entendeu?

Foi preciso algum tempo antes que Miles finalmente respondesse.

– Tudo bem – suspirou.

Mas ele tinha certeza de que a história entre ele e Otis ainda não havia terminado.

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga [@editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro) no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter: [@editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br